Entre o pré-vestibular popular e a universidade: trajetórias educacionais de mulheres e a experiência formativa da Fundação Gol de Letra

Lorrana Ferreira Lucio[1]

Introdução

O acesso ao ensino superior permanece marcado por desigualdades no Brasil. Estudantes oriundos de escolas públicas, moradores de periferias, mulheres, pessoas negras e pessoas LGBT frequentemente enfrentam barreiras materiais, pedagógicas, digitais e simbólicas que dificultam tanto o ingresso quanto a permanência na universidade. Nesse contexto, os cursos pré-vestibulares populares constituem iniciativas voltadas à ampliação do acesso ao ensino superior, especialmente para jovens provenientes de territórios socialmente vulnerabilizados.

Este trabalho analisa as trajetórias educacionais de mulheres que frequentaram o Pré-Vestibular Social oferecido pela Fundação Gol de Letra e que atualmente cursam ou já cursaram o ensino superior. A atuação da instituição no complexo de favelas do Caju envolve iniciativas de formação profissional e desenvolvimento pessoal, articuladas à construção de alternativas de acesso ao ensino superior e de inserção no mercado de trabalho (SOUZA et al., 2024). Ao refletirem sobre as práticas formativas da Fundação, os autores destacam a aproximação com os princípios da educação popular, sobretudo no que diz respeito à autonomia, à participação coletiva, ao reconhecimento do território e à valorização da cultura local (SOUZA et al., 2024). A partir desse contexto, a pesquisa busca compreender de que maneira a experiência formativa do Pré-Vestibular Social se relaciona com as trajetórias acadêmicas dessas mulheres e com suas formas de participação social e política.

O presente trabalho analisa as trajetórias educacionais de mulheres que foram estudantes do Pré-Vestibular Social oferecido pela Fundação Gol de Letra e que atualmente estão ou já passaram pelo ensino superior. A pesquisa busca

[1] Doutoranda em Ciências Sociais pela PUC-Rio. RJ. lorrana.f.lucio@gmail.com

compreender de que maneira a experiência formativa oferecida pela instituição contribui para o acesso e a permanência dessas mulheres no ensino superior, bem como para a constituição de sujeitos social e politicamente engajados em seus territórios e redes sociais.

O curso não se estrutura apenas como um espaço de preparação para o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) ou para os vestibulares. Sua proposta pedagógica articula conteúdos exigidos nos processos seletivos com debates sobre questões sociais que atravessam o cotidiano dos estudantes. Temas como desigualdades de gênero e raça, violências contra a mulher, sexualidade e direitos humanos são mobilizados em diferentes momentos do processo formativo, desde o processo de seleção e a semana de nivelamento até os aulões e as discussões recorrentes em sala de aula.

A pesquisa parte do entendimento de que os percursos educacionais são processos socialmente situados. Assim, não se busca atribuir o acesso ao ensino superior exclusivamente ao esforço individual das estudantes. Ao contrário, procura-se compreender como condições materiais, redes de apoio, vínculos territoriais, políticas educacionais e experiências formativas interferem nos trajetos acadêmicos.

Metodologia

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa e analisa as trajetórias educacionais de mulheres que participaram do Pré-Vestibular Social da Fundação Gol de Letra e que posteriormente ingressaram no ensino superior, incluindo aquelas que concluíram essa etapa. Parte-se da compreensão de que essas trajetórias são socialmente situadas e atravessadas por condições materiais, familiares, econômicas, territoriais e simbólicas. O estudo foi realizado a partir de entrevistas semiestruturadas com quatro ex-alunas do curso, selecionadas de modo a contemplar diferentes idades e momentos de suas trajetórias educacionais. O contato com as participantes contou com o apoio institucional da Fundação.

As entrevistas ocorreram em setembro de 2026, por videoconferência, com base em um roteiro de 12 perguntas. As questões abordaram a trajetória escolar anterior ao pré-vestibular, a experiência formativa na instituição, o ingresso e a

permanência no ensino superior, as relações entre trabalho, família e estudos e as repercussões dessa experiência na atuação das participantes em seus territórios e redes sociais.

Os relatos foram organizados em três eixos temáticos: **(1)** condições de acesso e barreiras enfrentadas ao longo das trajetórias educacionais, incluindo desigualdade escolar, exclusão digital, condições econômicas, trabalho, responsabilidades familiares e território; **(2)** experiência formativa no Pré-Vestibular Social, considerando o nivelamento das aprendizagens, o acesso a informações sobre processos seletivos e ações afirmativas, a autoestima acadêmica e as redes de apoio; e **(3)** trajetórias posteriores ao curso, com ênfase na permanência no ensino superior, nas estratégias mobilizadas diante das dificuldades e nas formas de atuação das ex-alunas em seus territórios e redes sociais.

A interpretação das entrevistas foi orientada pelas contribuições de Pierre Bourdieu sobre trajetória social, habitus e capitais, pela perspectiva interseccional de Patricia Hill Collins e Sirma Bilge e pelas discussões sobre educação popular e práxis inspiradas em Paulo Freire. Esse referencial permitiu analisar as narrativas considerando a articulação entre desigualdades sociais, relações de poder e experiências formativas, sem reduzir os percursos das participantes a escolhas ou esforços individuais. A pesquisa não busca estabelecer relações causais entre a participação no pré-vestibular e o ingresso ou a permanência no ensino superior. Seu foco recai sobre os sentidos atribuídos pelas participantes à experiência formativa e sobre a maneira como elas reconhecem sua relação com as próprias trajetórias educacionais.

Referencial teórico

A perspectiva de Pierre Bourdieu contribui para compreender as trajetórias educacionais como processos socialmente situados. Para o autor, as experiências dos sujeitos não podem ser compreendidas apenas a partir de escolhas individuais, pois são atravessadas pelas condições materiais, sociais e culturais nas quais estão inseridos. Essa perspectiva também permite questionar a suposta neutralidade das instituições escolares. Ao discutir a relação entre educação e reprodução social, Bourdieu ressalta que o sistema de ensino “contribui para conservar” as estruturas

sociais existentes (BOURDIEU, 2014, p. 13-14). A escola, portanto, não opera necessariamente como um mecanismo de superação das desigualdades, podendo também contribuir para sua reprodução e legitimação, sobretudo quando trata como iguais estudantes que partem de condições sociais e culturais distintas.

No campo educacional, o acesso ao ensino superior não depende exclusivamente do desempenho acadêmico. Ele também envolve capitais culturais e sociais, como informações sobre processos seletivos, familiaridade com espaços universitários, redes de apoio, acesso a materiais de estudo e orientação profissional. A distribuição desigual desses recursos influencia as possibilidades de ingresso e permanência na universidade, assim como a maneira pela qual esse espaço é percebido pelos estudantes.

No caso analisado, essa discussão permite investigar como a experiência formativa da Fundação Gol de Letra se relaciona com as trajetórias educacionais das ex-alunas. O conceito de habitus contribui para compreender como as condições de existência e as experiências sociais e familiares participam da constituição das disposições por meio das quais os sujeitos percebem o mundo, avaliam as oportunidades e constroem suas expectativas em relação ao futuro. Nesse sentido, aspectos como a ausência de referências universitárias na família, as defasagens escolares, as dificuldades de acesso às tecnologias digitais e as experiências vividas em territórios marcados por desigualdades sociais podem influenciar a maneira como as estudantes percebem o ensino superior e suas possibilidades de ingresso nesse espaço.

A perspectiva interseccional busca compreender como diferentes sistemas de opressão se articulam nas experiências sociais. Raça, gênero, classe social, território, idade, orientação sexual e condição de cidadania não operam de maneira isolada, mas se entrecruzam e produzem formas específicas de exclusão, violência e desigualdade. Patricia Hill Collins é uma referência central para essa discussão. Em *Bem mais que ideias: o pensamento feminista negro como conhecimento crítico social* (2022), a autora examina a produção de conhecimento do feminismo negro e sua contribuição para a compreensão crítica das relações de poder. Essa perspectiva permite considerar as experiências de mulheres negras não apenas como expressão de desigualdades, mas também como ponto de partida para

analisar os sistemas de dominação e as formas de resistência que atravessam suas trajetórias.

No campo educacional, essa abordagem permite compreender que as barreiras enfrentadas por mulheres periféricas não se reduzem à questão de classe, envolvendo também racismo, machismo, LGBTfobia, exclusão digital, responsabilidades familiares e exposição à violência territorial. Essas dimensões atravessam as condições de acesso e permanência no ensino superior e se articulam às disposições e aos recursos socialmente constituídos ao longo das trajetórias.

Nesse sentido, as contribuições de Pierre Bourdieu sobre capital cultural, capital social e habitus permitem analisar como as condições de existência influenciam as expectativas e as possibilidades de inserção no universo acadêmico. A ausência de referências universitárias na família, por exemplo, pode restringir o acesso a informações e redes de apoio, enquanto a familiaridade com os códigos e as práticas institucionais pode favorecer a circulação nesse espaço. Essas diferenças ajudam a compreender como o sistema educacional pode contribuir para a reprodução e a legitimação das desigualdades sociais.

A educação popular, em diálogo com o pensamento de Paulo Freire, compreende a educação como uma prática que articula reflexão crítica e ação sobre a realidade. Nessa perspectiva, o processo educativo não se limita à transmissão de conteúdos, mas envolve a problematização das relações sociais e das condições históricas que constituem as experiências dos sujeitos. A práxis educativa pressupõe, assim, a articulação entre reflexão e ação, reconhecendo os educandos como sujeitos da construção do conhecimento.

Essa perspectiva contribui para compreender a experiência formativa da Fundação Gol de Letra para além da preparação para os exames de ingresso no ensino superior. A articulação entre conteúdos escolares e debates sobre desigualdades sociais, relações raciais e de gênero, sexualidade e direitos humanos constitui uma dimensão importante da formação oferecida pelo pré-vestibular. Em diálogo com as contribuições de Bourdieu sobre a reprodução das desigualdades e

de Collins sobre a articulação das relações de poder, a educação popular permite analisar como essa experiência se insere nas trajetórias das ex-alunas.

A análise das entrevistas evidencia a importância das atividades culturais, das palestras, das redes de pares, da orientação profissional e do apoio material na experiência formativa das estudantes. Esses elementos são considerados em sua relação com a ampliação dos repertórios culturais e sociais, a construção de expectativas em relação ao ensino superior e as possibilidades de participação social e política. Isso não significa atribuir à Fundação a capacidade de superar as desigualdades estruturais que atravessam essas trajetórias, mas compreender como a experiência educativa oferece recursos e formas de apoio para enfrentá-las.

Resultados e discussão

Barreiras materiais, pedagógicas e simbólicas

As entrevistas evidenciam que as trajetórias educacionais das participantes foram atravessadas por barreiras materiais, pedagógicas e simbólicas, como defasagens escolares, dificuldades de acesso à internet, responsabilidades familiares e necessidade de conciliar trabalho e estudos.

Lari, moradora da comunidade do Caju, enfrentou dificuldades de aprendizagem que abalaram sua confiança na própria capacidade acadêmica e a levaram a considerar a desistência. Gisele, por sua vez, retomou os estudos após cerca de 25 anos afastada da escola, período em que se dedicou ao trabalho doméstico, ao cuidado das filhas e à manutenção de um pequeno comércio. Esses relatos mostram que o acesso ao ensino superior depende não apenas do desempenho individual, mas também das condições materiais, familiares e escolares que atravessam cada trajetória.

4.2 Impacto da pandemia de Covid-19

A pandemia de Covid-19 agravou desigualdades educacionais e afetou as trajetórias das participantes de diferentes maneiras. Para Lari, a falta de acesso à internet dificultou o acompanhamento das aulas remotas, gerando lacunas de aprendizagem e afetando sua autoestima acadêmica. Francisca também enfrentou

dificuldades para acompanhar o ensino remoto, tendo recebido chips de internet e materiais impressos disponibilizados pela Fundação. Já Gisele vivenciou o fechamento de seu comércio e perdas familiares durante a pandemia, contexto em que decidiu retomar os estudos por meio da Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Os relatos evidenciam que os efeitos da pandemia ultrapassaram o campo educacional, atingindo também as condições materiais de vida das participantes. Nesse cenário, o acesso a recursos tecnológicos e o apoio pedagógico foram importantes para enfrentar as dificuldades de aprendizagem e dar continuidade aos estudos. Além das dificuldades relacionadas ao ensino remoto, a exclusão digital também limitava o acesso a oportunidades educacionais.

No caso de Gisele, a dificuldade de manuseio da internet exigiu apoio familiar para realizar o processo seletivo. Essas experiências indicam que as barreiras tecnológicas não se restringiam ao acompanhamento das aulas, mas também podiam dificultar a participação em processos seletivos e o acesso a oportunidades de ingresso no ensino superior.

A falta de informações sobre o Enem, os vestibulares e as políticas de cotas sociais e raciais constituiu outra barreira. Muitas estudantes não haviam recebido essas orientações na escola, o que tornava o acesso a informações sobre as formas de ingresso no ensino superior uma dimensão importante da atuação do pré-vestibular. Assim, os relatos mostram que o ingresso na universidade não depende apenas do desempenho acadêmico, mas também das condições materiais de preparação e do acesso a informações sobre os processos seletivos.

Território, violência e deslocamento

O território emerge nas entrevistas não apenas como espaço de moradia, mas como uma dimensão que condiciona as possibilidades de estudar, circular pela cidade e acessar o ensino superior. A violência armada, as operações policiais e a insegurança interferem na organização da rotina e tornam os deslocamentos e a participação nos processos seletivos mais incertos.

A trajetória de Lari evidencia essas dificuldades. Moradora da comunidade do Caju, ela relata como episódios de violência e operações policiais afetam seus

deslocamentos e sua rotina de compromissos. Nesse contexto, o acesso à educação não depende apenas da preparação acadêmica, mas também das condições concretas de circulação e segurança necessárias para realizar provas e dar continuidade aos estudos.

Entretanto, as experiências territoriais não se resumem à violência. Larissa também destaca a importância dos vínculos comunitários e das redes de apoio construídas no território. Essa dimensão permite compreender a comunidade tanto como espaço atravessado por desigualdades e inseguranças quanto como lugar de pertencimento e construção de relações que podem sustentar as trajetórias individuais. Assim, os relatos mostram que as desigualdades educacionais também se expressam na distribuição desigual das condições de mobilidade, segurança e acesso a oportunidades. Considerar o território permite deslocar o olhar das dificuldades individuais para as condições sociais que limitam ou favorecem a continuidade dos estudos.

Trabalho, cuidado e sobrecarga de gênero

O trabalho remunerado e as responsabilidades de cuidado atravessam as trajetórias das entrevistadas, evidenciando como a continuidade dos estudos exige conciliar diferentes demandas e administrar recursos limitados. Essas responsabilidades assumem contornos específicos nas experiências das mulheres, especialmente quando o cuidado dos filhos e da família se soma à necessidade de trabalhar e estudar.

Francisca enfrentou o divórcio após 16 anos de casamento, a criação de quatro filhos e a inserção em empregos precarizados no comércio, além de longos deslocamentos no transporte público. Diante dessa sobrecarga, relata ter considerado abandonar a graduação em diversos momentos. Sua experiência evidencia como a permanência universitária pode ser ameaçada pela combinação entre responsabilidades familiares, instabilidade econômica e desgaste cotidiano.

Lari, por sua vez, trabalhava como jovem aprendiz e monitora de crianças desde os 15 anos. Sua rotina, das 7h às 17h, era seguida pelas aulas noturnas do pré-vestibular, reduzindo o tempo disponível para descanso e estudo. Já Luz

precisou conciliar a formação acadêmica com o trabalho como jovem aprendiz e atender às exigências de rendimento para manter a bolsa, enquanto organizava os recursos necessários para custear alimentação, vestimenta e materiais didáticos.

Embora distintas, essas experiências revelam que estudar envolve mais do que dedicação individual. A disponibilidade de tempo, a renda, as responsabilidades de cuidado e as condições de deslocamento interferem diretamente nas possibilidades de ingresso e permanência no ensino superior. Nesse sentido, interpretar essas trajetórias pela perspectiva de gênero permite questionar a ideia de que o sucesso educacional depende exclusivamente de esforço e mérito, tornando visíveis os custos materiais e emocionais envolvidos na continuidade dos estudos. Bolsas, auxílios e redes de apoio são, portanto, recursos importantes para enfrentar desigualdades que não podem ser resolvidas apenas pela iniciativa individual.

4.5 Contribuição para o acesso ao ensino superior

A análise das trajetórias evidencia que o pré-vestibular da Fundação Gol de Letra contribuiu para ampliar as possibilidades de ingresso no ensino superior por meio do apoio pedagógico, da orientação sobre os processos seletivos e da mediação institucional para o acesso a bolsas de estudo quando necessário.

No caso de Lari, o nivelamento das aprendizagens, o suporte pedagógico e o incentivo à continuidade dos estudos foram importantes para sua trajetória. O curso também favoreceu o acesso a informações sobre o Enem, os vestibulares e as políticas de cotas sociais e raciais, conhecimentos que nem sempre estavam disponíveis aos estudantes em suas experiências escolares anteriores.

A mediação institucional também teve papel relevante. Luz conquistou uma bolsa integral na Universidade Estácio de Sá por meio de uma parceria articulada pela Fundação. Francisca, por sua vez, diante das dificuldades de conciliar as responsabilidades familiares, o trabalho e a possibilidade de frequentar uma universidade pública em tempo integral, também obteve uma bolsa integral para cursar Pedagogia na mesma instituição.

Essas trajetórias mostram que o ingresso no ensino superior não depende exclusivamente do esforço individual ou do desempenho acadêmico. Ele também envolve o acesso à informação, a existência de oportunidades de financiamento e a atuação de redes de apoio capazes de aproximar as estudantes dessas oportunidades. Nesse sentido, o pré-vestibular popular da Fundação Gol de Letra pode ser compreendido como uma iniciativa educativa territorial que contribui para reduzir barreiras de acesso ao ensino superior enfrentadas por mulheres moradoras de territórios socialmente vulnerabilizados.

Desafios e estratégias de permanência

A permanência no ensino superior foi marcada por dificuldades materiais, responsabilidades familiares, exigências acadêmicas e desafios emocionais. Os relatos evidenciam que a conclusão da graduação não dependeu apenas da determinação pessoal das estudantes, mas também do apoio de profissionais da Fundação e das redes de solidariedade construídas ao longo de suas trajetórias.

Francisca relata que pensou em abandonar a graduação em diversos momentos. Ao longo dos cinco anos e meio de faculdade de Pedagogia, enfrentou o divórcio após um casamento de 16 anos, a criação solo de quatro filhos, desafios relacionados ao TDAH, empregos precarizados no comércio e exaustivos deslocamentos no transporte público. Nesses momentos de crise, o acompanhamento e o incentivo de profissionais da Fundação foram importantes para que ela continuasse os estudos.

Luz também enfrentou dificuldades no ambiente universitário. Ao ingressar em uma universidade privada, relatou um forte choque sociocultural, sentimento inicial de inferioridade e a necessidade de conciliar os estudos com o trabalho como jovem aprendiz. A manutenção da bolsa exigia rendimento acadêmico rigoroso, enquanto os custos com alimentação, vestimenta e material didático demandavam estratégias para administrar seus recursos financeiros.

Diante das exigências acadêmicas, as estudantes também recorreram a redes de apoio entre colegas e amigos. A revisão de textos, a troca de experiências e a ajuda mútua contribuíram para a adaptação ao formato das avaliações

universitárias. Essas estratégias mostram que a permanência envolveu tanto a mobilização de recursos individuais quanto a construção de vínculos capazes de oferecer suporte diante das dificuldades cotidianas.

Formação crítica e afirmação identitária

A proposta pedagógica da Fundação articulou a preparação acadêmica a debates sobre questões sociais presentes no cotidiano dos estudantes, incluindo desigualdades de gênero e raça, violência contra a mulher, sexualidade e direitos humanos. Esses debates constituíram espaços de reflexão sobre experiências que nem sempre eram compreendidas pelas estudantes a partir de suas dimensões sociais e políticas.

Lari descreve essa experiência como seu “terceiro olho”, expressão que sintetiza a ampliação de sua percepção sobre o mundo e sobre si mesma. A partir das discussões sobre direitos humanos, raça e gênero, passou a reconhecer-se conscientemente como uma mulher preta de pele clara, periférica e LGBT. Seu relato evidencia que a formação oferecida pelo curso não se restringiu à preparação para os processos seletivos, alcançando também as formas pelas quais ela interpretava sua própria trajetória e sua posição na sociedade.

Os relatos apontam, assim, para um processo de letramento político, no qual as estudantes passaram a reconhecer o machismo, o racismo e a homofobia como formas de opressão que ultrapassam experiências individuais e se relacionam a estruturas mais amplas de desigualdade. Essa compreensão também favoreceu o reconhecimento de si mesmas como sujeitos de direitos, capazes de interpretar criticamente suas experiências e as relações sociais em que estão inseridas.

Essa dimensão da formação pode ser analisada à luz de Patricia Hill Collins, cuja perspectiva interseccional permite compreender como raça, gênero, classe, sexualidade, idade e território se articulam na produção de experiências sociais distintas. Essa abordagem contribui para interpretar tanto as barreiras enfrentadas pelas ex-alunas quanto os processos pelos quais passaram a compreender suas experiências e a reivindicar seu lugar em diferentes espaços sociais.

A experiência no curso também pode ser examinada a partir dos conceitos de capital cultural e capital social, de Pierre Bourdieu. O acesso a atividades culturais, como cinema, museus, viagens e palestras, somado à orientação profissional e às redes de relacionamento construídas durante a formação, ampliou o contato das estudantes com repertórios culturais e espaços institucionais. Essas experiências podem ter contribuído para a familiarização com códigos valorizados no ensino superior e para a construção de vínculos relevantes em suas trajetórias educacionais.

Efeito multiplicador no território

Os efeitos da formação oferecida pela Fundação Gol de Letra ultrapassaram as trajetórias individuais das ex-alunas e alcançaram outras pessoas do território do Caju. Os relatos mostram diferentes formas de circulação das experiências, dos conhecimentos e das informações adquiridas ao longo do curso. Luz retornou ao pré-vestibular como palestrante, compartilhando suas vivências e orientando novos estudantes sobre os desafios do ensino superior. Francisca passou a incentivar sua filha e outros moradores do Caju a procurarem o pré-vestibular, os cursos de qualificação e os serviços oferecidos pela instituição. Gisele, por sua vez, relatou que sua trajetória inspirou outras moradoras do território a ingressarem no curso e prestarem o Enem.

Embora assumam formas distintas, essas iniciativas evidenciam como as experiências individuais podem favorecer a circulação de informações e oportunidades educacionais no território. O retorno à instituição, a orientação de outras pessoas e o compartilhamento de trajetórias constituem formas de participação comunitária que ampliam o alcance da atuação do pré-vestibular para além da preparação para os processos seletivos.

Considerações finais

A análise das trajetórias de Lari, Luz, Francisca e Gisele evidencia que a experiência formativa no Pré-Vestibular Social da Fundação Gol de Letra contribuiu para ampliar as possibilidades de acesso e permanência no ensino superior, além

de favorecer processos de formação crítica e afirmação identitária entre mulheres provenientes de territórios socialmente vulnerabilizados.

Contando com a preparação para o Enem e os vestibulares, a atuação da instituição envolveu o nivelamento das aprendizagens, a orientação sobre políticas de cotas e ações afirmativas e a mediação de oportunidades de ingresso na universidade. As trajetórias analisadas mostram, contudo, que o acesso ao ensino superior não pode ser compreendido apenas como resultado do esforço individual, uma vez que depende também das condições materiais, das redes de apoio e das oportunidades institucionais disponíveis.

Assim, a experiência analisada permite compreender o pré-vestibular popular como um espaço de formação que articula preparação acadêmica, apoio à permanência, reflexão crítica e fortalecimento de redes comunitárias. Sua contribuição não reside apenas na ampliação das possibilidades de acesso ao ensino superior, mas também na criação de condições para que as estudantes ressignifiquem suas trajetórias e compartilhem com outras pessoas as oportunidades construídas ao longo desse percurso.

Referências

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1974;

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989;

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Referência da edição brasileira consultada: 2014;

BOURDIEU, Pierre. Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (org.). Escritos de educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998. p. 71-79.

BRASIL. *Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012*. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino médio técnico. Brasília, DF: Presidência da República, 2012.

COLLINS, Patricia Hill. *Pensamento feminista negro*: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. São Paulo: Boitempo, 2019.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. *Interseccionalidade*. Tradução de Rane Souza. São Paulo: Boitempo, 2021.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FUNDAÇÃO GOL DE LETRA. *Edital 02/2025 — Pré-Vestibular Comunitário Gol de Letra*. Rio de Janeiro, 2025. Disponível em: https://www.goldeletra.org.br/wp-content/uploads/2025/02/Edital-02_2025_PVC-GOL-de-LETRA.pdf. Acesso em: 7 out. 2026.

SOUZA, Matheus de Paula; SILVA, Karina Avelar da; NASCIMENTO NETO, Estevão do; SILVA, Suellen Vianna de Souza da; SILVA, Natalia de Souza Carvalho Gomes da. Qualificação profissional de jovens e adultos no Caju: diálogos metodológicos da Fundação Gol de Letra com a educação popular. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO (CONEDU), 10., 2024. Anais [...]. Campina Grande: Realize Editora, 2024.

Declaração de uso de inteligência artificial

Foi utilizada ferramenta de inteligência artificial (ChatGPT) exclusivamente como recurso auxiliar para revisão ortográfica, gramatical e linguística do texto. A autoria, a análise dos dados, as interpretações e as conclusões apresentadas são de responsabilidade da autora.